

MAS NEM UMA PROSINHA

Bernadete Zagonel

(Publicado no Jornal Gazeta do Povo, Paraná, em 06/12/90)

Aconteceu já há bastante tempo, logo no início de minha estada em Paris. Quase não lembro mais dos detalhes, mas as impressões que tive e as sensações me são ainda claras.

Fui, juntamente com uma amiga brasileira, pedir informações na Universidade de Sorbonne sobre algumas disciplinas que me interessavam cursar, não pertencentes ao meu curso nem ao meu departamento.

Alguém me havia dito que existia também uma publicação com todos os cursos propostos por aquela instituição, detalhando suas matérias e conteúdos. Bastaria comprá-la.

Em lá chegando, dirigimo-nos a uma sala onde estava escrito algo como informações geras na secretaria ou coisa assim. Expliquei o que procurava à mocinha que nos atendeu. Depois de procurar em arquivos e gavetas e de perguntar às suas colegas, veio me dizer que ali não havia o tal livro. Mas que eu poderia ir diretamente ao departamento responsável pelas matérias, e lá eles me dariam todas as informações necessárias.

Dirigimo-nos então ao setor indicado. Depois de rodar de lá para cá, perguntando em diversas salas onde a dita informação poderia ser-me dada, conseguimos achar o que eu queria: o tal livrinho.

Feito isso, dirigimo-nos novamente à primeira sala onde estivemos, nem lembro mais por que razão. Ao chegarmos, o livro bem visível em minha mão, deparamo-nos logo com a mocinha que nos havia atendido. Num impulso que vem provavelmente do hábito, preparamo-nos, minha amiga e eu, para responder à pergunta ou ao comentário que certamente viria da moça, sobre o fato de havermos achado o que procurávamos.

No entanto, ledo engano... A moça não nos dirigiu nem ao menos o olhar; muito menos a palavra. Ficamos as duas ali em pé, a decepção estampada em nossos rostos. Perdemos até a tomada de fôlego dada para iniciar a frase que contaria sobre nosso achado. Fomos então atendidas pela pessoa ao lado e, sempre sem dizer nada a mais além do assunto tratado, deixamos o recinto.

Nos olhamos, inconformadas, e concluímos:

”È, nós brasileiros somos mesmo chegados numa prosinha”...